

## VARIAÇÃO DO ITEM LEXICAL LIBÉLULA NOS DADOS DO ATLAS LINGUÍSTICO-ETNOGRÁFICO DO VALE DO ACARÁ (ALEVA)

### VARIATION OF THE LEXICAL ITEM DRAGONFLY IN DATA FROM THE LINGUISTIC-ETHNOGRAPHIC ATLAS OF THE ACARÁ VALEY (ALEVA)

Recebido em: 10/08/2024

Aceito em: 25/10/2024

Publicado em: 28/10/2024

Regis José da Cunha Guedes<sup>1</sup> 

Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia

**Resumo:** O presente estudo tem o objetivo de descrever e mapear a variação linguística do item lexical libélula nos dados do projeto Atlas Linguístico-etnográfico do Vale do Acará (ALEVA), com atenção especial ao português em contato com as línguas Tembé e Japonesa, bem como à variedade do português quilombola na região. Nortearam este estudo os pressupostos teórico-metodológicos da Geossociolinguística (RAZKY, 1998) e da Dialetoleologia Pluridimensional e Relacional (RADTKE; THUN, 1998). Os dados foram coletados *in loco* a partir da aplicação do Questionário Semântico-Lexical (QSL) elaborado pelo Comitê Nacional do Atlas Linguístico do Brasil (ALiB, 2001). Foram entrevistados 6 colaboradores em cada um dos seis pontos de inquérito, perfazendo 36 entrevistados, estratificados por sexo (masculino e feminino) e idade (10 a 12, 18 a 40, e 50 a 75 anos, todos escolarizados no máximo até o ensino fundamental). Os resultados apontam para a existência de influências diaétnicas na variação lexical registrada a partir do mapeamento do item lexical libélula.

**Palavras-chave:** ALEVA; Geossociolinguística; Dialetoleologia Pluridimensional e Relacional.

**Abstract:** The present study aims to describe and map the linguistic variation of the lexical item dragonfly in data from the Atlas Linguistic-ethnographic the Acará Valley Project (ALEVA), specially the Portuguese one in contact with the Tembé and Japanese languages, as well Quilombola's. The theoretical and methodological assumptions of Geosociolinguistic (RAZKY, 1998) and Pluridimensional and Relational Dialectology (RADTKE; THUN, 1998) guided this study. Data were collected *in loco* by applying the Lexical Semantic Questionnaire (QSL) prepared by the National Committee of the Linguistic Atlas of Brazil (ALiB). Six employees were interviewed at each of the six survey points, making a total of 36 respondents, entratified by sex (male and female) and age (10-12, 18-40, and 50-75 years old all schooled up until elementary school). Results indicate the existence of diaethnic influences on the lexical variation registered from the lexical Dragonfly item mapping.

**Keyword:** ALEVA; Geosociolinguistic; Multidimensional and Relational Dialectology.

## INTRODUÇÃO

Desde a publicação do primeiro atlas linguístico brasileiro, o Atlas Prévio dos Falares Baianos – APFB, em 1963, até os dias de hoje, a área de estudos dialetológicos e geolinguísticos passou por períodos longos de ostracismo e falta de recursos humanos e estruturais, todavia, com a criação do Comitê Nacional para a elaboração do Atlas Linguístico do Brasil, em 1996, houve uma impressionante difusão de projetos envolvendo a elaboração de atlas linguísticos regionais, estaduais e de pequenos domínios no Brasil.

<sup>1</sup> Professor da E. B. T. T. no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará – IFPA, campus Castanhal. E-mail: regis.guedes@ifpa.edu.br

Neste mesmo ano de 1996 foi criado o primeiro projeto de um atlas linguístico estadual para a região Norte, o projeto Atlas Geossociolinguístico do Pará – ALiPA, sob a coordenação do prof. Abdelhak Razky, na UFPA. Esse projeto inspirou a elaboração de outros. Atualmente, tem-se, no estado do Pará, publicado o ALiSPA (Atlas Linguístico Sonoro do Pará) e outros projetos de atlas em andamento: ALeSPA (Atlas Léxico Sonoro do Pará), ALiPAI (Atlas Linguístico do Português em Áreas Indígenas), ALiPTG (Atlas Linguístico-Contatual Português Tupi-Guarani da Amazônia Oriental), AGQUINPA (Atlas Geossociolinguístico Quilombola do Nordeste do Pará), e, mais recentemente, o ALEVA (Atlas Linguístico-Etnográfico do Vale do Acará).

Compreendido como a proposta de criação de um atlas linguístico de pequeno domínio, o Atlas Linguístico-Etnográfico do Vale do Acará – ALEVA objetiva a descrição das variedades do português falado por indígenas, quilombolas e descendentes de japoneses na região do Vale do Rio Acará, localizada na Mesorregião Nordeste do Estado do Pará.

O vale do rio Acará representa uma área de confluência linguística e cultural. A chegada de etnias diferentes ao território em momentos históricos distintos promoveu situações de contato linguístico diverso. Entre esses grupos humanos que migraram para a região estão os indígenas da etnia Tembé, que constituem um subgrupo dos Tenetehára, que migraram do Maranhão em meados do século XIX (NIMUENDAJÚ, 1916), estabelecendo-se nas bacias dos rios Guamá, Gurupi e Acará. No vale do Rio Acará, formaram a Terra Indígena Turé-Mariquita, da qual três aldeias constituem pontos de inquérito do ALEVA, quais sejam: Aldeia Turé, Aldeia Teknay e Aldeia Kunawaru.

Segundo a Fundação Palmares (2021)<sup>2</sup>, o município de Tomé-Açu possui 7 comunidades Quilombolas certificadas, três delas constituem pontos de inquérito do ALEVA: Comunidade Forte do Castelo, Comunidade Itabocal Ponte e Comunidade Nova Betel.

Na primeira metade do século XX, o governo brasileiro implementou uma política de incentivo à vinda de imigrantes estrangeiros para o país. Em 1929 desembarcava no Pará a primeira leva de imigrantes japoneses com a finalidade de desenvolver o setor da produção agrícola da região. A região do Vale do Rio Acará recebeu grande contingente de imigrantes japoneses desde então, e hoje essa é a terceira maior colônia japonesa do Brasil. Nesta colônia foram selecionados dois pontos de inquérito: Tomé-Açu Sede e Quatro Bocas.

<sup>2</sup> Disponível em: <https://www.ipatrimonio.org/wp-content/uploads/2021/01/ipatrimonio-Quilombos-certificados-2020-Fonte-Fundacao-Palmares.pdf>

Esse contexto de encontro de línguas e culturas proporcionou à essa região do Vale do Rio Acará uma diversidade linguístico-cultural significativa, que carece de estudos de natureza linguística, que possam dar conta da descrição dos processos linguísticos dela decorrentes. A região é caracterizada, portanto, por um plurilinguismo motivado por esses processos migratórios.

Essa necessidade de descrição e estudo das variedades de fala que caracterizam a região motivou a criação do projeto do Atlas Linguístico-Etnográfico do Vale do Acará. Para tanto, o projeto ALEVA objetiva mapear a variação linguística nos níveis diatópico, diageracional, diagenérico, dialingual, diarreferencial e diaétinico. Dessa forma, a produção das cartas linguísticas do ALEVA deve demonstrar a variação linguística numa perspectiva pluridimensional, o que significa dizer, que a metodologia adotada no ALEVA segue as tendências metodológicas contemporâneas de produção de atlas linguísticos.

No presente artigo, apresenta-se uma imagem preliminar do ALEVA, a partir do mapeamento do item lexical *libélula*, questão 85 do Questionário Semântico Lexical (QSL) aplicado na coleta de dados para composição do *corpus* desse projeto. O artigo está dividido em cinco seções primárias, quais sejam: esta introdução, seguida de uma seção na qual apresentam-se os aspectos teórico-metodológicos da geolinguística. Segue-se uma seção na qual apresentam-se os aspectos metodológicos do projeto ALEVA, que serviram de base para a elaboração deste artigo. Na seção seguinte, apresenta-se e discute-se a carta experimental 1 - Libélula com dados do ALEVA, comparando-se esses dados aos de outros de duas cartas experimentais do projeto ALiB, também sobre a variação do item lexical libélula nas capitais do Norte e do Nordeste do Brasil. Em sequência, apresenta-se a seção de considerações finais.

## ASPECTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS DA GEOLINGUÍSTICA

A origem da metodologia dos estudos dialetológicos remete ao século XIX. Esse início se deu a partir de estudos feitos na Europa, como o *Atlas Ethnographique du Globe* (BALBI, 1826) *Atlas Linguistique de l'Europe* (BIONDELLI, 1841), passando pela elaboração dos trabalhos pioneiros de Wenker, no levantamento de dados para a elaboração do Atlas Linguístico da Alemanha Setentrional e Central (1881) e na recolha sistemática de dados para a elaboração do Atlas Linguístico da França (Gilliéron; Edmont, 1902-1910).

Sobre esse momento histórico, Cardoso (2010) afirma que

Os estudos dialetológicos propriamente ditos vêm se iniciar num momento da história, século XIX, em que a individualidade geográfica de cada região estava resguardada pelo isolamento decorrente da frágil rede de estradas, seja pela dificuldade de comunicação, seja, ainda, pela inexistência de meios tecnológicos que permitissem a interação à distância entre as diferentes áreas, mas resultaram, principalmente da preocupação com o resgate de dados e a documentação dos diferentes estágios da língua (CARDOSO, 2010, p. 39).

Influenciados pelo fazer da sociolinguística iniciada por Labov na segunda metade do século XX, surgem os estudos da moderna dialetologia, que passam a considerar as influências das variáveis sociais nas comunidades de fala.

Surgimento da Geossociolinguística (RAZKY, 1998) e da Dialetologia Pluridimensional e Relacional (RADKE; THUN, 1996) se dá no final do século XX. AS duas podem ser consideradas perspectivas teórico-metodológicas que preveem o registro da pluridimensionalidade da variação social nos atlas linguísticos.

Nas últimas décadas vários pesquisadores<sup>3</sup> procuraram classificar o estado da arte da produção de atlas linguísticos do Brasil até o momento, e o fizeram a partir de seus aspectos metodológicos. Por exemplo, quanto ao espaço geográfico, os atlas foram classificados como atlas de pequenos, médios e grandes domínios; atlas estaduais, regionais e nacionais. Quanto à natureza de seus dados, foram classificados como atlas de primeira, segunda e terceira geração; e quanto às variáveis linguísticas controladas, foram classificados como atlas monodimensionais, bidimensionais e pluridimensionais.

Analisando-se as metodologias empregadas nesse conjunto de produtos geolinguísticos, concluímos que há outras possibilidades de classificação a serem feitas sobre ele. Por exemplo, levadas em consideração as técnicas cartográficas que, historicamente, foram utilizadas na produção dos atlas linguísticos, deparamo-nos com os relatos dos autores dos primeiros atlas brasileiros, elaborados parcial ou integralmente de forma artesanal, por meio de escrita, desenhos, recortes e colagens, como testemunhamos em 2015, por ocasião dos relatos de experiências nas comemorações dos 50 anos do pioneiro Atlas Prévio dos Falares Baianos (APFB), durante o 11º Workshop do Atlas Linguístico do Brasil (Do APFB ao ALiB: 50 anos de Geolinguística no Brasil), realizado na cidade de Salvador/BA. Decorridos esses anos, com o acesso dos pesquisadores brasileiros a variados recursos computacionais e multimidiáticos, observamos a incorporação desses recursos na produção de atlas linguísticos. Hoje, são

---

<sup>3</sup> Cardoso (1999), Aguilera (2006), Lima (2006), Altino (2007), Cristianini (2007), Pereira (2007), Encarnação (2010), Sousa (2011), Guedes (2012), Isquierdo (2013), Romano (2013) e Reis (2013).

utilizados na produção dos atlas diversos *softwares* específicos da área de georreferenciamento, como ArcGIS e QGIS, além de *softwares* editores de imagens, como CorelDraw e Photoshop, Paint e Power Point. Por outro lado, foram desenvolvidos recentemente os primeiros *softwares*, produzidos com a participação de linguistas, para a geração automatizada de cartas linguísticas, como o Programa de Mapeamento Geolinguístico Digital - GeoLing (em desenvolvimento) e o *Software* para Geração e Visualização de Cartas Linguísticas JGVCLin (ROMANO; SEABRA; OLIVEIRA, 2014).

No contexto de desenvolvimento de *softwares* dessa natureza e de técnicas de cartografia geolinguística, em primeira instância, vimos a inclusão da policromia na produção dos atlas linguísticos. Tradicionalmente, como no pioneiro Atlas Linguístico da França (ALF), utilizava-se apenas a cor preta nos registros cartográficos, escolha que normalmente estava condicionada aos recursos disponíveis para impressão do atlas. Nesse caso, a identificação dos símbolos e legendas é a forma e não as cores. Sobre esse aspecto metodológico, é possível se fazer uma classificação do conjunto de atlas linguísticos produzidos quanto aos recursos cromáticos utilizados, em atlas monocromáticos e policromáticos.

Também é possível classificar os atlas linguísticos como impressos ou digitais, levando-se em consideração o suporte material utilizado. Os suportes utilizados na cartografia comungam da mesma história dos utilizados na escrita em geral. Na gênese da cartografia, na produção dos primeiros mapas, foram utilizados como suporte de escrita o papiro, o pergaminho e o papel. Em se tratando da cartografia linguística, esta surgiu na “era do papel”, e esse é, até os dias de hoje, o principal suporte material utilizado na publicação dos atlas linguísticos. Contudo, há também os atlas linguísticos nos quais foram adotados recursos computacionais como suportes de publicação. No Brasil, surgiram os primeiros atlas digitais em 2004. Nesse ano foi publicado o Atlas Linguístico Sonoro do Pará (ALiSPA), primeiro atlas brasileiro integralmente digital, que utiliza como suporte o CD-ROM. Formato que permitiu outras inovações, como a disponibilização do som da fala dos informantes (*atlas parlants*), acessado a partir de uma interface interativa, via computador. Além desse, registramos o Atlas Linguístico do Amazonas (ALAM), ainda não publicado, que possui apresentação impressa, visto que foi elaborado como tese de doutoramento em 2004, mas apresenta também uma interface digital, que, segundo Cruz-Cardoso (2016), no momento, está em fase de atualização, em vista de sua publicação. Além desses, tem-se hoje o projeto do Atlas Linguístico Sonoro das Línguas Indígenas do Brasil (ASLIB), cuja metodologia prevê, segundo Cabral e Razky

(2014), a apresentação de uma plataforma interativa *on line*, que disponibilizará os dados sonoros, escritos e imagéticos do atlas.

## ASPECTOS METODOLÓGICOS DO PROJETO ALEVA

O projeto Atlas Linguístico-Etnográfico do Vale do Acará traz uma metodologia que prevê a sua classificação como um atlas dialingual. Isto se dá pelo aspecto do contato linguístico que está presente na Terra Indígena Turé-Mariquita e na comunidade de imigração japonesa (nipônica) de Tomé-Açu, que perfazem 5 pontos de inquérito a serem mapeados pelo ALEVA, aos que se somam 3 pontos de inquérito em comunidades quilombolas, como citado anteriormente, perfazendo 8 pontos no total.

Neste projeto, está previsto o mapeamento das seguintes variáveis linguísticas: diatópica (distribuição geográfica), diagenérica (quanto ao sexo dos colaboradores), diageracional (quanto à idade dos colaboradores), diarreferencial (referente aos comportamentos linguísticos dos colaboradores), dialingual (referente ao contato linguístico) e diaétnica (quanto à etnicidade dos colaboradores). O mapeamento desses fatores aloca o ALEVA entre os atlas linguísticos que influenciados pelo fazer da Geossociolinguística (RAZKY, 1998) e da Dialectologia Pluridimensional e Relacional (RADKE; THUN, 1996) pretendem registrar a variação linguística a partir de uma visão pluridimensional.

## PESQUISA DE CAMPO

A coleta de dados em pesquisa de campo na dialetologia está baseada, desde a sua gênese, no tripé metodológico: rede pontos-informantes-questionários. Como assinalamos em Razky, Guedes e Costa (2018, p. 128),

Na dimensão geossociolinguística, em se tratando da rede de pontos e do uso de questionários, observa-se uma continuidade dessas práticas; todavia, têm sido feitas algumas adaptações metodológicas, especialmente na diversificação e aplicação dos questionários. Por outro lado, no que se refere ao perfil do informante da pesquisa, a abordagem dos estudos geossociolinguísticos previu uma ampliação do campo de observação desse constituinte metodológico (RAZKY; GUEDES; COSTA, 2018, p. 128).

Nessa perspectiva, observamos tanto uma abrangência maior com relação à seleção dos colaboradores, que, nos primeiros atlas, eram um ou dois por ponto de inquérito, e que nos estudos da moderna dialetologia passam a ser quatro, com a inclusão do mapeamento de

variáveis sociais, como sexo e idade dos colaboradores. No projeto ALEVA, o número de colaboradores é igual a seis, com o controle de três faixas etárias e de ambos os sexos, como veremos adiante.

## REDE DE PONTOS DE INQUÉRITO

A rede de pontos de inquérito do ALEVA previu até o momento 8 pontos, quais sejam:

PONTOS	NATUREZA DO PONTO
1 TOMÉ-ACÚ SEDE	Comunidade Nipônica
2 QUATRO BOCAS	Comunidade Nipônica
3 TURÉ	Comunidade Indígena
4 TEKNAY	Comunidade Indígena
5 KUNAWARU	Comunidade Indígena
6 ITABOCAL PONTE	Comunidade Quilombola
7 FORTE DO CASTELO	Comunidade Quilombola
8 NOVA BETEL	Comunidade Quilombola

**Fonte:** Elaborado pelo autor, 2024.

Na eleição dos pontos de inquérito do projeto ALEVA foram levados em consideração os seguintes fatores: i. localização da comunidade na região do Vale do Acará; ii. representatividade histórica e social das comunidades; e iii. quantidade de habitantes por localidade. Foram selecionados inicialmente oito pontos de inquérito, representativos das etnias/comunidades tradicionais que compõe a diversidade étnico-cultural do vale do Acará, sendo dois pontos para a comunidade nipônica, três para a comunidade indígena e três para a comunidade quilombola. Todavia, essa lista dos pontos de inquérito ainda pode ser ampliada em vista da existência de ribeirinhos e da comunidade de descendentes japoneses do município do Acará.

A pesquisa de campo do projeto ALEVA segue<sup>4</sup> em andamento, mesmo que ainda sem o apoio de agências de fomento. Esse fator atrelado ao difícil acesso aos pontos de inquérito afastados da zona urbana constitui um desafio, em função das distâncias, transportes, estradas e custos.

<sup>4</sup> A coleta de dados está em andamento em 3 pontos de inquérito.

## PERFIL DOS COLABORADORES

Optou-se por utilizar a nomenclatura “colaborador” para definir o informante no âmbito do projeto ALEVA. Essa escolha se deu em função de uma carga semântica negativa imposta ao termo “informante” no âmbito da pesquisa científica com indígenas. Em função do contexto sócio-histórico de contato e exploração dos povos indígenas brasileiros, permaneceu por gerações de pesquisadores um tratamento pormenorizado dos colaboradores no fazer científico, esses últimos eram tratados como meros fornecedores de informações sobre as suas etnias, suas culturas, as línguas que falam, os ambientes em que vivem, a natureza, o clima, os acidentes geográficos, etc. Entende-se, por outro lado, que o papel do colaborador vai além dessa postura passiva, mas se materializa como uma colaboração ativa e indispensável à pesquisa de campo geossociolinguística, que é melhor representado como um processo colaborativo, no qual inquiridores e os colaboradores cooperam para o registro de dados e a construção do conhecimento científico.

O projeto ALEVA prevê o mapeamento do português falado por moradores da região do Vale do Rio Acará, que é composta por um mosaico étnico variado, do qual fazem parte comunidades tradicionais como indígenas, quilombolas e a comunidade de imigração japonesa.

Em cada ponto de inquérito o projeto prevê a entrevista de seis colaboradores, cujo perfil está descrito no quadro a seguir:

	COLABORADORES	ESCOLARIDADE
1	1 Menino, 10-12 anos	Matriculado na escola
2	1 Menina, 10-12 anos	Matriculado na escola
3	1 Homem, 18-30 anos	não escolarizado ou escolarizado até a 8ª série (9º ano)
4	1 Mulher, 18-30 anos	não escolarizada ou escolarizada até a 8ª série (9º ano)
5	1 Homem, 50-75 anos	não escolarizado ou escolarizado até a 8ª série (9º ano)
6	1 Mulher, 50-75 anos	não escolarizada ou escolarizada até a 8ª série (9º ano)

## QUESTIONÁRIOS

Na coleta de dados para a composição do corpus do projeto ALEVA foram aplicados são três tipos de questionário, que juntos totalizam aproximadamente 836 perguntas: **i. Questionário Sociolinguístico (QS)**, que tem por finalidade identificar a situação sociolinguística da comunidade em relação ao grau de bilinguismo e aos comportamentos linguísticos dos falantes em relação às línguas faladas nas comunidades (Português, Temb é



Japonês); **ii. Questionário Fonético-Fonológico (QFF)**, que é orientado principalmente, mas não exclusivamente, no sentido de identificar as áreas em que ocorrem fatos fônicos já documentados para o português em pesquisas anteriores ou oriundos do contato linguístico; **iii. Questionário Semântico Lexical (QSL)**. O QFF e QSL utilizados foram elaborados pelo Comitê do Atlas Linguístico do Brasil - ALiB, com uma adaptação para capturar o bilinguismo dos colaboradores, no caso das comunidades japonesa e indígena. Essa adaptação se dá a partir da pergunta: *"E na sua língua como se chama isso?"*, indagação essa que é feita após cada uma das perguntas do QFF e do QSL no intuito de registrar o conhecimento lateral de outra língua além da portuguesa. A última questão do QSL utilizado requer do colaborador uma narrativa de um relato de experiência pessoal ou história da cultura tradicional na etnia investigada, que tem a finalidade de propiciar o estudo de um nível de fala mais espontâneo.

O Questionário Sociolinguístico (QS) aplicado visa captar a variação diarreferencial que ocorre nas comunidades, por meio do registro de comentários metalinguísticos e epilinguísticos. Como exemplo, temos a questão número 19: *Como você [o (a) senhor (a)] avalia o \_\_\_\_\_ [Português/Tembé/Japonês] em termos de língua falada no lugar? a) legal b) grosseira c) bonita d) errada e) engraçada f) outros. Por quê?*

Foram utilizados também, sempre que necessário (especialmente com as crianças e idosos) os questionários QFF e QSL ilustrados, por meio dos quais as perguntas indiretas são substituídas ou seguidas da apresentação de imagens impressas que representam o conceito requisitado em cada questão. Essa metodologia apresentou certas limitações, por isso os questionários ilustrados não trazem algumas questões previstas com itens de conteúdo abstrato ou constituídos por processos, como “obrigado” (QFF – 79), ou “fanhoso” (QSL – 101), uma vez que esses são de difícil representação imagética. Os questionários ilustrados também estão sendo utilizados nos inquéritos do ALEVA.

Também foi aplicado na coleta de dados do ALEVA o método da pesquisa em três tempos, ou “passo triplo”, desenvolvido por THUN (1997), que prevê três passos no momento de realização dos inquéritos: *perguntar, insistir e sugerir*. Por exemplo, quando da aplicação do QSL, na questão? Deve-se **perguntar**: “... aquele inseto pequeno, de perninhas compridas, que canta no ouvido das pessoas, de noite? *Imitar o zumbido*”. Em caso de não resposta deve-se **insistir** reformulando a pergunta, por exemplo: “ele é bem pequeno, voa e nos ferra chupando sangue...”. Caso persista a falta de resposta deve-se **sugerir**: “você usa as palavras carapanã,

pernilongo, murisoca...?”. Nessa técnica de recolha de dados é possível registrar o nível de domínio e uso de determinado item lexical.

## MÉTODO CARTOGRÁFICO

A metodologia adotada no ALEVA prevê que os dados coletados em pesquisa de campo sejam transcritos, organizados e sistematizados em tabelas, conforme os campos dos questionários utilizados, estruturas sociais e espaciais. Foram adotadas duas modalidades de transcrição: i. fonética: segundo o Alfabeto Fonético Internacional – IPA, que objetiva o estudo da variação fonética dos dados; ii. ortográfica: que objetiva a organização e registro da variação lexical e diarreferencial dos dados. Em ambas as modalidades está sendo utilizada a fonte *Times New Roman* no intuito de facilitar o acesso posterior ao banco de dados em diversos dispositivos.

Após o processo de transcrição, organização e sistematização, os dados são mapeados em cartas linguísticas de três tipos: *fonéticas*, *lexicais* e *sociolinguísticas*. No processo de mapeamento geolinguístico das cartas experimentais do ALEVA estão sendo utilizados diferentes *softwares*, dentre eles: ArcGIS, Adobe Photoshop, CorelDraw.

O mapa base utilizado para a confecção das cartas linguísticas experimentais foi gerado a partir do *softwares* ArcGIS, idealizado e composto pelo coordenador projeto e executado por um técnico da área de georreferenciamento. O mapa base utilizado contém escala e pontos de inquérito georreferenciados em vista das necessidades de produção das cartas linguísticas.

Os *softwares* editores de imagens Adobe Photoshop CS4 e CorelDraw estão sendo utilizados para a cartografia geolinguística propriamente dita. Neles podem ser inseridos nas cartas os dados linguísticos como gráficos, símbolos e caixas de legenda.

No que se refere à cartografia dos dados linguísticos deste projeto, foram tomadas algumas decisões quanto à metodologia de apresentação dos resultados, quais sejam:

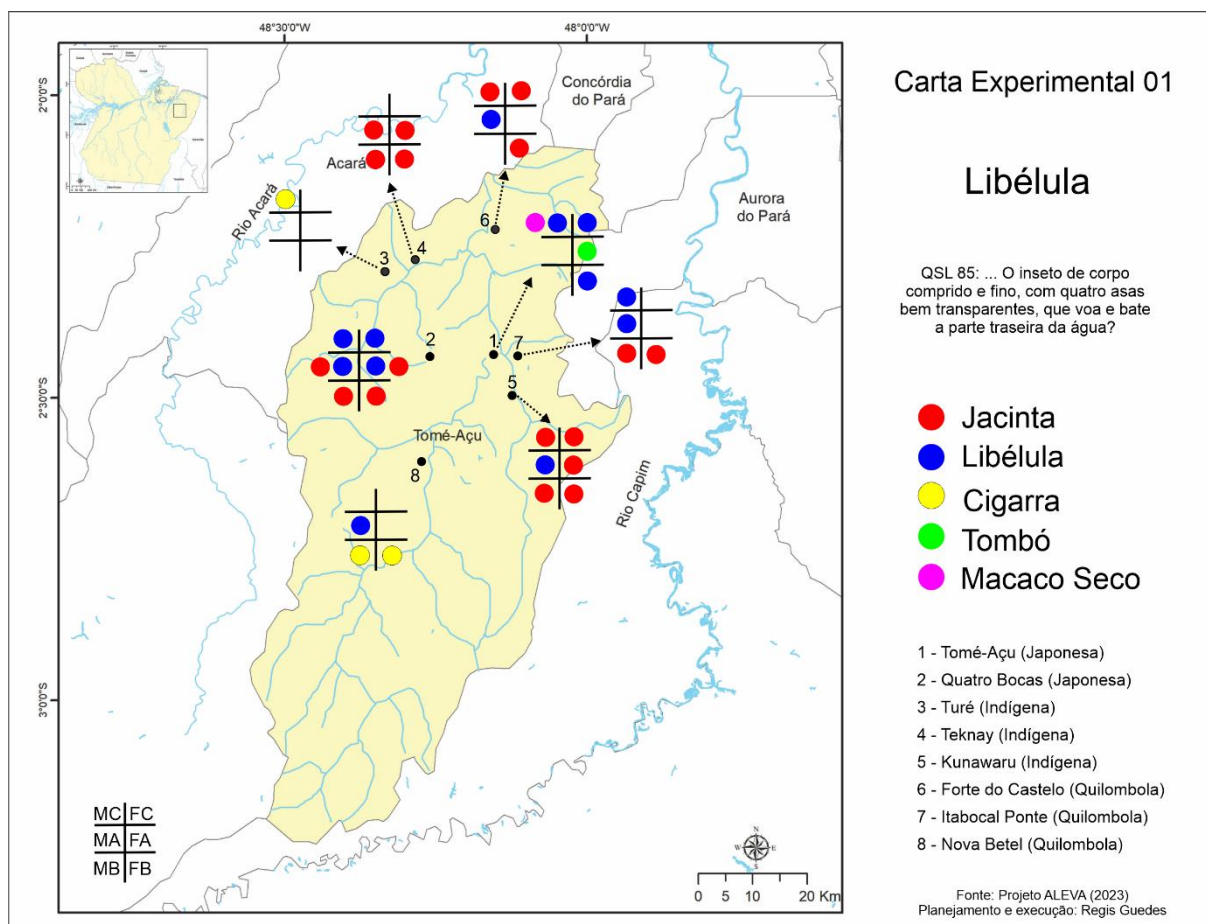
- i. Para o mapa base, privilegiou-se a utilização da cor branca, no intuito de dar destaque às demais cores utilizadas na simbologia adotada. Nele, os pontos de inquérito estão destacados com um ponto preto e numeração correspondente à legenda;

- ii. O mapa base apresenta escala, limites de fronteira dos municípios que compõem o Vale do Acará, pontos de inquérito georreferenciados, hidrografia da região destacada em azul, títulos e legendas;
- iii. No alto à direita em fontes maiores estão dispostos os códigos de identificação das cartas, onde [S] identifica as cartas sociolinguísticas, [F] fonéticas e [L] Lexicais, essas letras são seguidas da numeração que correspondem à questão do QS, QFF ou QSL. Os dados linguísticos de cada questão são mapeados em duas ou mais cartas, o que gerou códigos do tipo: **Carta F06.3**;
- iv. À direita, há um quadro de identificação e registro do fenômeno tratado na carta, seja ela sociolinguística, fonética ou Lexical. No mesmo quadro, encontram-se a logomarca do ALEVA, a classificação da carta quanto às variáveis nela mapeadas: Diatópica (Geográfica) ou Sociais, além das cruzes ou módulos de estratificação social;
- v. No mesmo quadro, na parte inferior à direita, em todas as cartas, registramos os números e nomes dos pontos de inquérito investigados, sendo respectivamente: 1 – Tomé-Açu, 2 – Quatro Bocas, 3 – Aldeia Turé, 4 – Aldeia Teknay, 5 – Aldeia Kunawaru, 6 - Itabocal Ponte, 7 - Forte do Castelo e 8 – Nova Betel.
- vi. Foi adotado o mesmo padrão de representação dos percentuais de ocorrências do ALiB (2014), os dados são apresentados nas cartas de forma binária, isto é, são representadas duas variantes por carta, por exemplo: Carta F01 – Realizações de [e] e [ɛ]; Carta F02 – Realizações de [e] e [i].

## APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DA CARTA EXPERIMENTAL LIBÉLULA

Na carta experimental 01, que foi elaborada a partir dos dados coletados sobre a questão 85 do QSL, cuja resposta esperada é “libélula”. A lexia registrada em maior frequência foi “jacinta” com 51,4% (18) das ocorrências, seguida por “libélula” com 34,2% (12) das ocorrências. A lexia Cigarra obteve 8,5 % (3) registros. E as lexias “macaco seco”, “tombo” foram registradas no ponto de inquérito 1 (comunidade japonesa), representando cada uma 2,8% das ocorrências.

Figura 1 - Carta Experimental 01 – ALEVA.



Fonte: Elaborado pelo autor, 2024.

Analisando-se os dados cartografados na carta experimental 01 (figura 1), observa-se que algumas escolhas lexicais dos colaboradores parecem demonstrar a pertença dos mesmos a uma determinada etnia, o que pode ser nomeado como variação diaétnica. O fator diaétnico emerge da análise quando se verifica que a lexia *jacinta* predomina nas comunidades indígenas (pontos 4 e 5). O dicionário Houaiss (2001) traz o verbete *jacina*, como de origem tupi, derivado de *ya'sina*, inseto de ordem dos odonatos, espécie de libélula, também conhecida como lavadeira. Isso pode justificar a predominância da lexia *jacinta* nas duas comunidades indígenas falantes de uma língua Tupí-Guaraní, o tembé.

Por outro lado, a lexia *libélula* predomina entre os colaboradores da comunidade japonesa (pontos 1 e 2). Ressaltamos também, na carta experimental, o registro da lexia *tombó*, claramente um empréstimo da língua japonesa, que significa justamente libélula nesta língua. O registro foi feita na fala da colaboradora FA1, pertencente a comunidade nipônica de Tomé-açu sede (ponto 1). Entre os descendentes de japoneses (pontos 1 e 2) a lexia mais recorrente é

*libélula*, que consideramos a variante inovadora na região, a partir dos percentuais de ocorrência diageracional.

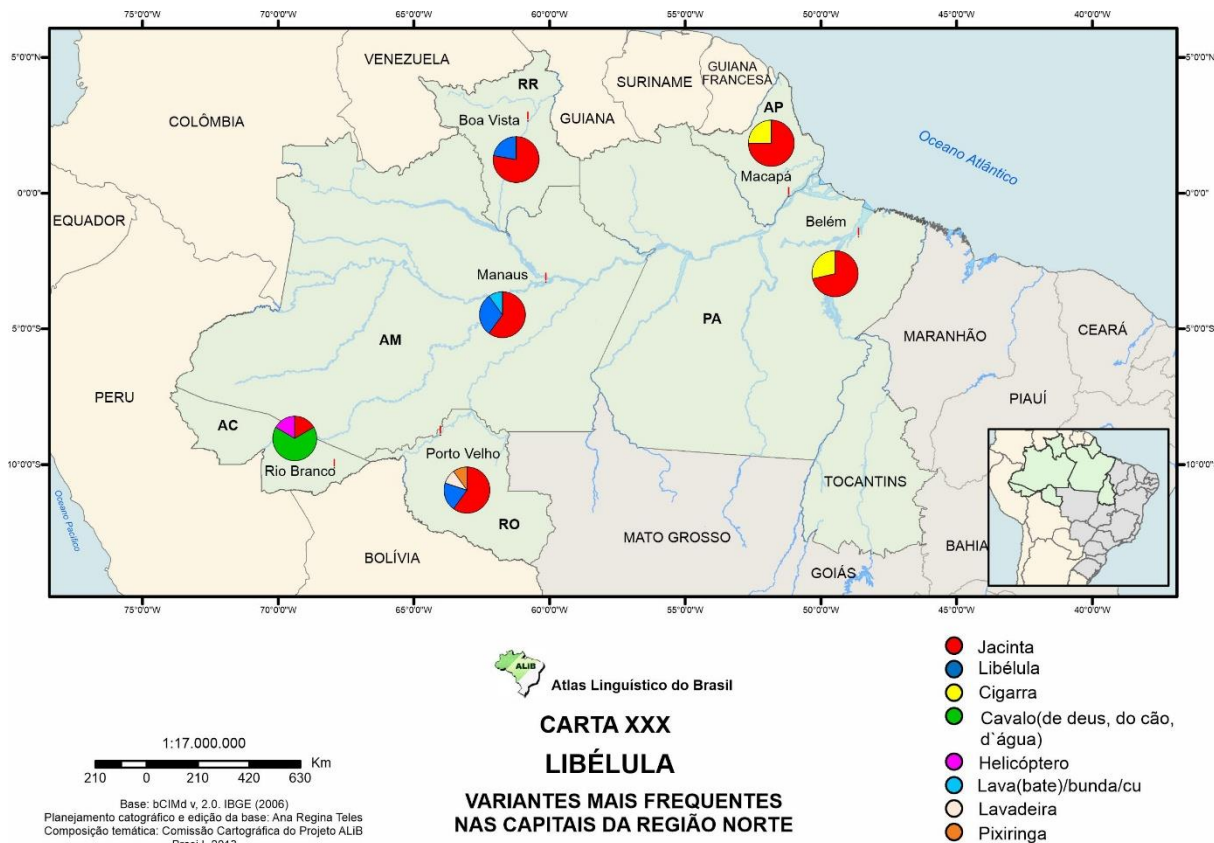
Em referência à variável diageracional, os dados dão indícios de que a lexia *jacinta* é a variante mais conservadora, uma vez que predomina entre os colaboradores mais velhos, tendo alcançado percentuais de 50% (9 ocor.) na 3ª faixa etária (50 a 75 anos), 27% (5 ocor.) na segunda faixa (18 a 40 anos) e 23 % (4 ocor.) entre as crianças. Por outro lado, os dados dão indícios de que a lexia *libélula* é a variante inovadora, uma vez que está presente em maior frequência na fala dos colaboradores da 1ª faixa etária (41,6 %, 5 ocor.) e 2ª faixa (50%, 6 ocor.) faixas etárias. Entre as crianças houve apenas uma ocorrência de *jacinta* (8,4%).

A cartografia dos dados no ponto de inquérito número 2 (Quatro Bocas), mostra um dado que merece destaque: a lexia *jacinta* predomina entre os adultos mais velhos (3ª faixa etária). Na segunda faixa etária, formada por adultos mais jovens, vemos a ocorrência em igual percentual de *jacinta* e *libélula*. Enquanto que, na fala das crianças nipônicas desse ponto, o predomínio é da variante inovadora *libélula*. O que pode espelhar a realidade do contato linguístico, considerando-se que os descendentes de japoneses da 3ª faixa etária aprenderam a língua portuguesa falando com os habitantes locais, como indígenas, quilombolas e caboclos, ao passo que a geração seguinte (2ª faixa), teve maior acesso à escolarização regular em português, enquanto que entre as crianças nipônicas deste ponto de inquérito a variante conservadora *jacinta* não foi registrada.

Ao analisarmos os dados cartografados nas comunidades quilombolas, observa-se que, na comunidade Forte do Castelo (ponto 6), que é uma comunidade mais afastada do centro urbano, a variação deste item lexical apresenta predominância da variante conservadora *jacinta*, inclusive entre as crianças e os idosos. O que demonstra a vitalidade desse uso. Por outro lado, na comunidade Itabocal Ponte (ponto 7), que está localizada às margens da rodovia PA 451, que dá acesso aos centros urbanos da região, a variante predominante entre as crianças e adultos jovens é a inovadora *libélula*, persistindo o uso da variante conservadora *jacinta* na fala dos colaboradores mais velhos.

Excetuando-se a lexia *tombó*, que tem sua etimologia na língua japonesa, as lexias registradas nos dados do ALEVA também foram registradas como variantes de *libélula* nos dados do projeto Atlas Linguístico do Brasil - ALiB. Como se pode verificar na carta experimental a seguir, elaborada a partir de dados das capitais do norte do Brasil do projeto ALiB.

Figura 2 - Carta Experimental Libélula – ALiB – Capitais da Região Norte.

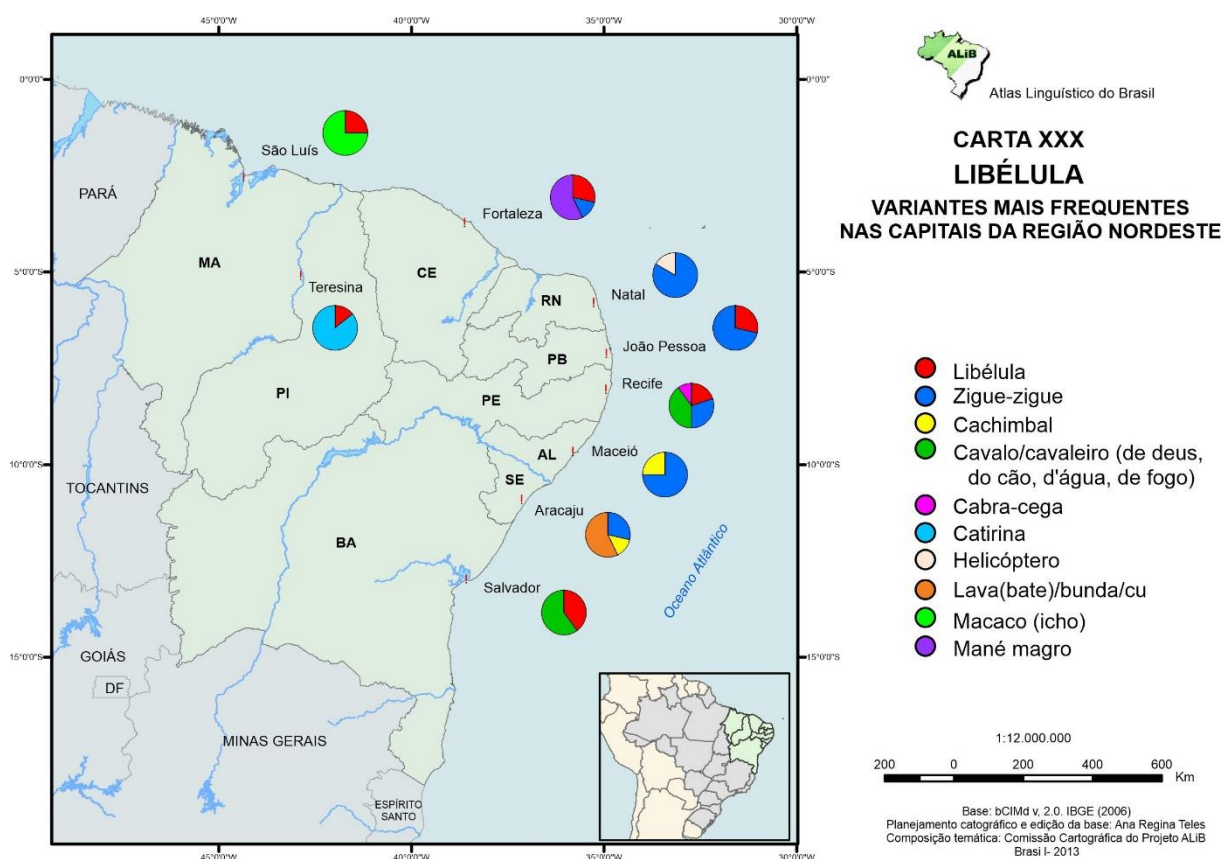


Fonte: Projeto ALiB.

Como se pode observar, o item lexical *cigarra*, que foi registrado nos dados do ALEVA (Figura 1), nos pontos 8 (Nova Betel) e 3 (Turé), também foi registrado nas capitais Belém e Macapá do ALiB (Figura 2). A lexia *cigarra* designa também outro animal da fauna brasileira, pertencente à família *Cicadidae*, que agrupa insetos conhecidos pelos nomes comuns de *cigarra* e *cega-rega*, e que são reconhecidos devido à cantoria entoada pelos machos em períodos quentes do ano. Porém, o percentual de registros da resposta *cigarra* para a pergunta 85 do QSL no dados do ALiB, cuja resposta esperada é “libélula”, dá indícios de que a lexia realmente é empregada no Brasil para designar “O inseto de corpo comprido e fino, com quatro asas bem transparentes que voa e bate com a parte traseira na água”.

A lexia *macaco seco* foi registrada no ponto de inquérito 1 (Tomé-açu sede) (Figura 1). Ao se analisar a carta experimental do ALiB para a região Nordeste do Brasil (Figura 3), verifica-se um dado geográfico relevante.

Figura 3 - Carta Experimental Libélula – ALiB – Capitais da Região Nordeste.



Fonte: Projeto ALiB.

Como se pode observar na figura 3, o registro do item lexical *Macaco (icho)* se deu na capital do Maranhão, São Luis, representando 75% das respostas registradas neste ponto de inquérito. Esse dado demonstra, do ponto de vista diatópico, que o registro da lexia *Macaco seco*, na região do nordeste paraense, pode ter influência migratória de pessoas do Maranhão, devido à proximidade geográfica entre os pontos de inquérito.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As imagens preliminares projetadas pela carta experimental 1 elaborada sobre o item lexical Libélula, do projeto Atlas Linguístico-Etnográfico do Vale do Acaraú - ALEVA, dão indícios de que a variação lexical presente no *corpus* coletado constitui um campo profícuo de informações linguísticas sobre o português falado nessa região. Especialmente no que se refere à variação diatópica, diageracional, dialingual e diaétnica.

Os dados apresentados e discutidos neste artigo demonstram que a variação lexical do português falado na região do Vale do Rio Acaraú, reflete o mosaico linguístico e cultural que

compõe a população local, que, como apresentamos neste estudo, é composta por imigrantes japoneses, indígenas, quilombolas, a além de brasileiros de outras regiões que foram atraídos para o área mapeada, por motivos diversos, e em épocas e contextos sociais diferentes.

Ademais, este estudo enseja a continuidade do mapeamento do *corpus* do projeto ALEVA, no intuito de revelar mais fatos acerca da variação lexical e fonética presente na região do Vale do Rio Acará, no estado do Pará.

## REFERÊNCIAS

AGUILERA, Vanderci de Andrade.. A geolinguística no Brasil: estágio atual. **Revista da ABRANLIN**, v. 5, n. 1/2, p. 215-238, dez. 2006. Disponível em: [http://www.abralin.org/revista/RV5N1\\_2/RV5N1\\_2\\_art10.pdf](http://www.abralin.org/revista/RV5N1_2/RV5N1_2_art10.pdf). Acesso em: 01 set. 2018.

ALTINO, Fabiane Cristina. **Atlas linguístico do Paraná II**. 2007.693 p. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) - Centro de Letras e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2007.

CABRAL, A. S. A. C.; RAZKY, A. **Projeto atlas linguístico sonoro das línguas indígenas do Brasil**. 2014 (Projeto de Pesquisa/CNPQ) Não publicado

CARDOSO, Suzana Alice. **Geolinguística: tradição e modernidade**. São Paulo: parábola, 2010.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. A Dialectologia no Brasil: perspectivas. **Delta**. v. 15, n. especial, 1999. p.233-255.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino da Silva *et al.* **Atlas linguístico do Brasil**. Londrina: EdueL, 2014. v. 2.

CRISTIANINI, Adriana C. **Atlas semântico lexical da região do grande ABC**. 2007. 635 p. Tese (Doutorado em Linguística) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

CRUZ-CARDOSO, M. L. de C. O atlas linguístico do Amazonas – ALAM. In: AGUILERA, V. de A.; ROMANO, V. P. (org.). **A geolinguística no Brasil: caminhos percorridos, horizontes alcançados**. Londrina: EdueL, 2016

DIAS, Marcelo Pires. **Atlas Geossociolinguístico Quilombola do Nordeste do Pará**. Tese (Doutorado). Universidade Federal do Pará, 2017.

ENCARNAÇÃO, Marcia. R. T. da. **Atlas semântico-lexical de Caraguatatuba, Ilhabela, São Sebastião e Ubatuba: municípios do litoral norte de São Paulo**. 2010. 723 p. Tese (Doutorado em Linguística) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.



FUNDAÇÃO CULTURAL PALMARES, Brasília, DF, 2020. [S.l.]. Disponível em: <https://www.ipatrimonio.org/wp-content/uploads/2021/01/ipatrimonio-Quilombos-certificados-2020-Fonte-Fundacao-Palmares.pdf>. Acesso em: 29 fev. 2024.

GUEDES, Regis José da Cunha Guedes. **Estudo Geossociolinguístico da variação lexical na zona rural do estado do Pará. 2012.** Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras e Comunicação, Universidade Federal do Pará, 2012.

GUEDES, Regis José da Cunha Guedes. **Perfil geossociolinguístico do português em contato com línguas tupí-guaraní em áreas indígenas dos estados do Pará e Maranhão. 2017.** Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2017.

HOUAISS, Antônio. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa.** Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

ISQUERDO, Aparecida Negri.. Atlas regionais em andamento no Brasil: perspectivas metodológicas. In: AGUILERA, Vanderci de Andrade. **A geolingüística no Brasil: trilhas seguidas, caminhos a percorrer.** Londrina: Eduel, 2013. p. 333-356

LIMA, Luciana Gomes de. **Atlas fonético do entorno da baía da Guanabara – AFeBG. 2006.** 158 p. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) - Departamento de Letras Vernáculas, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

MARGOTTI, F. W. **Difusão sócio-geográfica do português em contato com o italiano no Sul do Brasil. 2004.** Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.

NIMUENDJÚ, Curt. **Contribuição para o conhecimento da língua Tembé: com algumas observações sobre as tribos da região limítrofe entre os estados do Pará e Maranhão – Vitória: [s.n.], 1916.**

PEREIRA, Maria das Neves. **Atlas Geolingüístico do Litoral Potiguar. 2007.** 312 p. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) - Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

RADTKE, Edgar; THUN, Harald. Neue Wege der romanischen Geolinguistik: Eine Bilanz. In: RADTKE; Edgar; THUN, Harald (eds.). **Neue Wege der romanischen Geolinguistik: Akten des Symposiums zur empirischen Dialektologie.** Kiel: WestenseeVerl., 1996. p. 1-24.

RADTKE, Edgar; THUN, Harald. **Dialectologia pluridimensionalis romanica.** Kiel: Westensee-Verlag, 1996.

RAZKY, Abdelhak. O Atlas geo-sociolinguístico do Pará: Abordagem metodológica. In: AGUILERA (Org). **A geolingüística no Brasil: Caminhos e perspectivas.** Londrina: UEL, 1998.

RADTKE, Edgar; THUN, Harald. **Atlas linguístico sonoro do estado do Pará (ALiSPA 1.1).** Belém: s/ed. 2004. (Programa em CD-ROM).

RAZKY, A. Programa de Mapeamento Geolinguístico Digital. In: Encontro CELSUL - Círculo de Estudos Linguísticos do Sul, 8., 2008, Porto Alegre. **Programação e Resumos** [...]. Pelotas: EDUCAT, 2008. p. 390.

RAZKY, Abdelhak; GUEDES, Regis J. da C.; COSTA, Eliane O. da. A pesquisa geolinguística em áreas indígenas brasileiras: desafios e estratégias. **Signum: estudos da linguagem**, Londrina, v. 21, n.1, p. 126-138, abr. 2018.

REIS, Regiane Coelho Pereira. **Atlas linguístico do município de Ponta Porã – ALiPP**. 2006. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2006.

REIS, Regiane Coelho Pereira. **Variação linguística do português em contato com o espanhol e o guarani na perspectiva do atlas linguístico-contatual da fronteira da fronteira entre Brasil e Paraguai (ALF-BR PY)**. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) - Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2013.

RODRIGUES, Aryon Dall’Igna. Os cenários da chegada da língua portuguesa. In: CARDOSO, Suzana A.; MOTA, Jacyra A.; MATTOS E SILVA, Rosa V. **Quinhentos anos de história linguística do Brasil**. Salvador: Secretaria da Cultura e Turismo do Estado do Bahia, 2006.

ROMANO, V. Balanço crítico da Geolinguística brasileira e a proposição de uma divisão. **Entretextos**. Londrina, v.13, n. 02, p. 203-242, jul.-dez. 2013.

ROMANO, V. P.; SEABRA, R. D.; OLIVEIRA, N. [JGVCLin] – *software* para geração e visualização de cartas linguísticas. **Revista Estudos da Linguagem**, Belo Horizonte, v. 22, n. 1, p. 119-151, jan.-jun. 2014

SOUSA, Gracione Teixeira de. **Atlas linguístico do Acre: cartas fonéticas da região do Purus**. 2011. 170. Dissertação (Mestrado em Letras) - Departamento de Letras, Universidade Federal do Acre, Acre, 2011.

THUN, Harald. La geolingüística como lingüística variacional general (con ejemplos del Atlas lingüístico Diatópico y Diastrático del Uruguay). In: RUFFENO, Giovanni. **International Congress of Romance Linguistics and Philology**. Tübingen: Niemeyer, 1998.